

Notas sobre a Tradução Literária em Portugal Sua Evolução e Quadro Actual

Hugo Freitas Xavier
Editor da Cavalos de Ferro

Resumo: O autor aborda problemas relacionados com as traduções literárias em Portugal e com a actividade editorial.

Abstract: The author discusses problems related to Literary Translations in Portugal, and to the publishing industry.

Palavras Chave: Tradução Literária, Editoras, Cavalos de Ferro

I

De um ponto de vista místico e desde tempos longínquos foi a tarefa de alguns eleitos traduzir «mensagens» para o povo comum. Interpretar, transmitir reconstruindo sentido. Daí o entendimento da «palavra» enquanto algo mágico capaz de modelar e recriar as fronteiras do real. Durante milénios procurou-se dessa forma o nome de Deus, essa palavra que, uma vez descoberta, equivaleria a encontrar o próprio Deus e a ter acesso ao Seu poder.

Foi nisso que se baseou a cabala (sobretudo a judaica tradicional): o sentido profundo das palavras que só estava ao alcance de uns poucos que podiam ou não fazer chegar essa mensagem às comunidades.

A palavra e o seu processo de tradução, interpretação e retransmissão está presente na base de dois dos fundamentos do próprio ser humano: a comunicação e a magia/religião.

Não é pois de estranhar que, durante milénios, tenham sido os sacerdotes/representantes religiosos os principais auxiliares dos governos e líderes políticos no contacto com outras culturas com línguas diferentes.

No ocidente pertenceu a algumas ordens (notoriamente aos Jesuítas) o lugar de intermediário privilegiado nos assuntos mundanos. Foi assim que a Igreja católica dominou a cena política até que os sistemas de poder profano se insurgiram e criaram mecanismos próprios e órgãos especializados para poderem encetar diálogo com o «outro».

O papel do tradutor/intérprete tem sido, efectivamente, central na própria história política da organização mundial.

Ao longo da história entre os negociadores, tradutores e intérpretes (fazendo juz à célebre frase latina) encontram-se os mais notáveis heróis e traidores.

Com efeito quem detem o poder da palavra num mundo que se baseia em sistemas de comunicação, comércio e trocas, detém grande poder.

II

Contudo, só muito recentemente o tradutor/intérprete ganhou o seu lugar enquanto indivíduo e profissional. Durante milénios fazia parte de organizações e sistemas. Até bem dentro do século XVIII o tradutor não tinha sequer direito a ver o seu nome nos livros por si traduzidos¹.

Foi com o nascimento da literatura de massas (nomeadamente o denominado romance gótico) do qual se popularizaram edições atrás de edições, traduções verdadeiras e uma miríade de traduções que mais não eram que obras fantasmas escritas pelos tradutores. Neste período de caos em que a autoria e a tradução se confundiam² começaram a ser incluídos os nomes dos tradutores (muitas vezes autores). No caso português foi a *Typographia Rollandyana*³ que popularizou esta prática.

De facto, da ausência de referência ao tradutor ou a qualquer elemento de tradução, em poucos anos passou a indicar-se a língua de origem da tradução, depois as iniciais do tradutor (um dos mais prolixos tradutores da época foi «M. M.»), poucos anos depois surgiam livros com o nome do tradutor a aparecer regularmente na folha de rosto.

¹ Excepção feita aos casos em que autores de renome se encarregavam das traduções.

² Cf. Sousa, Maria Leonor machado de, *A Literatura Negra ou de Terror em Portugal: Séculos XVIII e XIX*, Novaera, Lisboa, 1978.

³ Também grafada *Rollandiana* e *Rollandianna*.

Notas sobre a Tradução Literária em Portugal

Durante o século XIX e começos do século XX a tradução foi uma profissão de prestígio (embora geralmente mal paga). Muitos grandes nomes da literatura e de áreas específicas e técnicas eram encarregados de traduções de responsabilidade. Editoras houve que fizeram escola da qualidade das suas traduções.

Contudo, o século XX conheceu um percurso de deterioração.

III

O mercado editorial português sofreu ao longo do século XX vários revezes que se reflectiram na qualidade das traduções e, a curto prazo, na própria posição dos tradutores no sistema de produção de livros.

Em primeiro lugar não houve o acompanhamento prático do espírito romântico de aprendizagem de línguas que parecia desencadear-se em finais do século XIX. As academias formavam e formam ainda, nos cursos que a isso respeitava, tradutores especializados nas línguas mais comuns e próximas: francês, inglês, castelhano, italiano e alemão.

Isso resulta num fechamento do espectro de obras traduzidas que se reflectiu, por sua vez, numa amostra literária editada ao longo do século XX «geograficamente» muito limitada. Por exemplo as traduções de autores de fora desse escopo linguístico são feitas, na maior parte dos casos, a partir de traduções para as línguas mais comuns. As literaturas do oriente, médio oriente e de África têm sido traduzidas a partir de traduções inglesas e francesas, as traduções de literatura do leste, norte e centro europeus seguem geralmente traduções alemãs.

Em segundo lugar e devido à falta de organização, normalização e fiscalização da actividade editorial verificamos que o mercado português acabou por se tornar autofágico, desequilibrado e sobrelotado. Com efeito, num país onde as taxas de alfabetização e sobretudo de leitura são extremamente reduzidas quando comparadas com as de quase todos os restantes países europeus, o excesso de editoras e a não-aposta em formação de qualidade mas em quantidade, criam regras «fantasma» de mercado que ditam uma política de edição pelo menor custo possível,

O mercado português tem quase tantas entidades publicadoras como os grandes mercados europeus (França, Alemanha, Holanda, etc), editoras essas que se canibalizam mutuamente porque a oferta é geograficamente a mesma, o público, o mesmo e os canais de divulgação idênticos.

O tradutor literário, geralmente mal pago, vê a sua profissão em perigo sobretudo quando se anuncia um projecto lei que visa obrigar os tradutores a receber não uma verba pela tradução mas percentagem das vendas (do que resultaria que, no nosso país, apenas os tradutores de obras como *O código Da Vinci* ou *Harry Potter* veriam motivo para prosseguir carreira)⁴.

As traduções literárias são na sua maioria más, as revisões são piores. Os cursos de tradutores e os de revisão formam profissionais que conhecem a teoria mas que não têm bagagem. É vital para qualquer tradução que haja um conhecimento muito bom da matéria a traduzir. Lembremo-nos da forma como só os padres jesuítas com longos anos de experiência no terreno e conhecimento dos territórios para os quais eram destacados ascendiam a posição de tradutores/intérpretes de primeira classe.

IV

O mercado precisa de uma reestruturação que só pode passar pela qualificação. Foi nesse sentido que a Cavalos de Ferro Editores foi criada: oferecer um espectro de literaturas até ao momento não-disponíveis ao público português, traduzindo das línguas originais e apostar na qualidade de obras e traduções em detrimento da aposta nos resultados fáceis e imediatos.

O projecto da Cavalos de Ferro tomou duas medidas que nos pareceram vitais: a aposta em traduções feitas a partir das línguas originais e a colocação (na maior parte dos livros) do nome do tradutor na capa.

A primeira medida revelou-se extremamente complicada: devido à ausência de procura de tradutores literários especializados de línguas menos comuns, tivemos de recorrer a tradutores técnicos ou a indivíduos não especializados. Muitas das vezes essas traduções tiveram de ser acompanhadas por revisores literários bem como pelo departamento editorial da Cavalos de Ferro.

A segunda medida visava uma maior responsabilização dos tradutores face à sua tradução. A noção de que, quer o queira quer não, o tradutor é um segundo autor.

⁴ O mencionado projecto lei foi proposto pela Alemanha e conta já com o apoio da França e Reino Unido.

V

Enquanto editores, chegamos às mãos inúmeros currículos de jovens recém-formados ou já com alguma experiência. Há um grande interesse em fazer tradução literária contudo a sua formação deixou de lado uma faceta essencial.

Nas centenas de testes de tradução que fazemos notamos que, apesar de os jovens serem detentores de todas as ferramentas técnicas e teóricas, não têm suficiente conhecimento dos mecanismos literários. Não têm leituras suficientes que lhes permitam reacções instintivas perante problemas complexos de tradução, aquilo a que chamamos um instinto de tradutor. Esta pecha resulta essencialmente de um sistema de ensino eminentemente expositivo com uma vertente prática muito carregada que acaba por condicionar o aluno.

De facto, está provadíssimo que quando o ensino é condicionante e não incentiva o aluno a trabalhar ou utilizar os conhecimentos adquiridos em matérias e campos do seu interesse particular, o efeito de assimilação é muito mais reduzido do que seria de outra forma.

Claro que nem sequer será necessário indicar aqui a quantidade de jovens com currículos aparentemente excelentes mas cujo nível de português (a nível ortográfico, sintáctico semântico e lexical) é atrozmente limitado. Esse é o primeiro aspecto que analisamos num teste de tradução. E o principal e primeiro motivo de recusas pela nossa parte.

VI

Aquilo que temos procurado transmitir aos candidatos a tradutores passa pois por vários pontos, alguns já enumerados anteriormente: ler, é fundamental ter uma grande bagagem de leitura e inerentemente de cultura geral, é necessário que essas leituras tenham sido ecléticas, que os tradutores tenham tido contacto com inúmeros géneros e estilos, com várias linguagens. É fundamental que tenham lido textos em traduções portuguesas de várias épocas, que tenham lido obras traduzidas por tradutores de reconhecidos méritos (um dos exemplos que costumamos apontar são as traduções da Editorial Inquérito nos anos 40) e que posteriormente (nunca antes) leiam os originais de onde foram feitas essas traduções.

É fundamental ter um bom conhecimento do processo de produção do livro, dos mecanismos editoriais.

É importante que mesmo quando não têm trabalho os tradutores façam traduções *per se*, que as façam a partir de textos diversos de que gostem (preferencialmente textos que já tenham sido traduzidos para português mas cujas traduções não conheçam e que possam posteriormente consultar e comparar). Essas traduções e outras feitas por iniciativa própria poderão ser posteriormente propostas a editores.

É vital, cada vez mais, que os tradutores literários, até pelo desenvolvimento da própria comunidade europeia, para além das línguas «comuns» adquiram conhecimentos de uma língua «menos comum». É fulcral que tomem conhecimento com a literatura e cultura dessa área sobretudo *in loco*.

E tem de haver por parte dos tradutores uma consciencialização e tomada de posição (a ausência de uma associação com peso suficiente não ajuda⁵) quanto à necessidade de qualidade. Ao não se auto-imporem esses padrões de qualidade os tradutores estão a por em risco a sua própria profissão.

CONCLUSÃO

Hoje, como sempre, o papel do tradutor é essencial. Estamos num país onde a taxa de literacia e de leitura é baixíssima. Cabe ao tradutor como a todos os intervenientes nos mais diversos processos culturais, incentivar por todos os meios possíveis uma aproximação ao livro e à literatura como meio de transmissão e incremento da cultura. Quanto mais não seja para preservarem o seu futuro.

O tradutor literário é ainda e cada vez mais elemento essencial do processo de transposição de uma obra de arte. Tradutor e traidor cabe-lhe apresentar a um novo público uma nova obra. Se noutra época foi Deus será hoje a Arte ou a Literatura. A responsabilidade é tanto maior quanto mais raros são, a cada dia que passa, os que as sabem apreciar devidamente.

⁵ AAPT é uma associação essencialmente vocacionada para a tradução técnica com tabelas de preços recomendados para traduções que provam o total desconhecimento do funcionamento do sector e das suas realidades financeiras.